



PEQUENOS GRANDES ARTISTAS

Grasiela Carvalho¹

Michele B. Delavusca²

Introdução

O presente projeto desenvolveu-se com uma turma de crianças pequenas (3 e 4 anos) na Escola Municipal Infantil Dalva de Almeida Weinmann, no ano de 2018. Nesta faixa etária os questionamentos se multiplicam diariamente, visto que as descobertas fascinam os pequenos; trabalhar com artes plásticas está inserido na prática pedagógica da educação infantil, como sendo mais uma linguagem capaz de possibilitar estas descobertas de mundo. Diante dessa prática, ao ofertar tinta para uma criança com o intuito de realizar uma atividade planejada, esta falou para os colegas e a professora, que têm pessoas que pintam quadros para vender. Considerando este ser um conhecimento prévio adquirido por ela na sua construção de mundo, atribuímos a importância a sua fala, uma vez que reconhecemos que o sujeito deve ser autor de sua própria descoberta; logo outras crianças agregaram-se ao assunto. Quando diante de tantas curiosidades e contribuições oriundas das mais diversas maneiras, nascia ali um maravilhoso projeto que teria como metodologia a pesquisa.

Resultados e discussão

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) nos traz cinco campos de experiência, sendo um deles “**traços, sons, cores e formas**” – porque a possibilidade da criança explorar as diferentes manifestações artísticas permite a elas se expressarem por diversas linguagens, contribuindo para o desenvolvimento do senso estético e crítico, o conhecimento de si e dos outros e da realidade que as cerca. Logo, é imprescindível favorecer na educação infantil espaços para tais manifestações.

¹Licenciatura em Pedagogia – Educação Infantil e Anos Iniciais; Pós-Graduação em Gestão do Trabalho Pedagógico: Supervisão e Orientação Escolar; Professora em Escola da Rede Pública Municipal – Educação Infantil; UNIJUÍ – UNINTER, Ijuí/RS. E-mail: grasielalaura@yahoo.com.br

²Licenciatura em Pedagogia – Educação Infantil e Anos Iniciais; Pós-Graduação em Psicopedagogia; Professora da Rede Pública Municipal – Educação Infantil; UNOPAR/FAGEP, Ijuí/RS.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Considerando a função educacional que a escola tem na formação e no desenvolvimento do ser humano, é preciso conduzir as descobertas, promovendo o interesse pela pesquisa, porque a criança não o faz sozinha. E como ponto de partida foi necessário envolver as famílias neste processo, através de um informativo identificamos o que desejava-se conhecer, ou seja, solicitamos que juntamente com as crianças pesquisassem nas redes sociais, nos impressos, junto aos amigos e aos vizinhos, o que se sabia sobre nossos artistas plásticos locais, depois encontrassem uma forma de registrar suas pesquisas em uma folha de papel pardo (enviada previamente às famílias), que servisse de suporte para a criança compartilhar com seus colegas as suas descobertas.

Diariamente organizamos o momento da rodinha na sala, com objetivo de ouvir as crianças e proporcionar discussões em torno de algo comum, compreende-se que este espaço é fundamental para que a criança quebre barreiras da timidez, compreenda que sua opinião é importante para o outro e que é capaz de tomar decisões por si só, logo criava-se ali uma oportunidade de valorizar as descobertas que realizaram junto aos seus familiares. Várias foram as curiosidades que vieram, inclusive descobrimos junto com elas, mas um nome que foi compartilhado pela maioria das crianças é do nosso querido artista local, Paulo Gobbo. Este nasceu em 1966, em nossa cidade e tornou-se pintor de telas por sua vocação, sendo um artista autodidata. Algumas imagens de seu trabalho foram trazidas pelas crianças, mas para enriquecer nossa pesquisa, a turma toda, com o auxílio das professoras, acessou a página virtual do artista e pausadamente visualizamos suas obras.

Com tantas informações que nos inundavam e os apontamentos que surgiam a partir de uma primeira leitura do trabalho do artista percebemos que para enriquecer nossa pesquisa precisávamos selecionar algumas obras que mais nos causaram interesse e ali mesmo, diante da tela do computador, esta pré-seleção foi feita, com ênfase em três obras: Touros (2000), Mecânica (2016) e Palhaço (2016).



Touros
Óleo sobre tela, 20 x 30 cm
Ijuí, 25 de fevereiro de 2000
Acervo do artista



Mecânica
Óleo sobre tela, 140 x 95 cm
Ijuí, 25 de setembro de 2016
Acervo do artista



Palhaço
Óleo sobre tela, 40 x 30 cm
Ijuí, 12 de janeiro de 2016
Acervo do artista



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Na sequência criamos mais um desafio para a turma, fizemos a impressão das imagens e expusemos em meio a nossa roda diária, criando a possibilidade das crianças descreverem detalhadamente o que viam, com relação a cores, sentimentos, expressões, movimentos e até mesmo suposições. Com relação ao processo de aprendizagens que ali se instalava, chegamos a acreditar na condição de educadoras e observadoras, que a arte a ser escolhida pelas crianças seria “Palhaço” ou “Mecânica”, que exibia a pintura de um fusca, talvez por se tratar de imagens mais próximas ao universo infantil, mas o inesperado aconteceu...

Dentro de um processo democrático todos têm direito ao voto, inclusive de defesa de voto e, assim, instalou-se a democracia naquele momento. Com as três imagens distribuídas lado a lado, diante das crianças, ofertamos várias tampas de garrafas e cada criança era convidada a sair do seu lugar e colocar uma tampa sobre a imagem escolhida, apresentando sua justificativa para tal escolha. Ao final do processo tínhamos a maioria das tampas posicionadas sobre a figura “Touros”, que curiosamente nos surpreendeu, pelo fato da escolha ser pautada na capacidade de expressão que o artista conseguiu transmitir aos pequenos.

Parsons (1999) nos faz refletir ao dizer que obras de arte são poderosas encarnações de interesses comuns, pedem uma interpretação ativa, podem unir diversos meios de pensamento, relacionam-se a vários contextos e são suscetíveis a múltiplas interpretações. Por essas razões, o estudo da arte promove o tipo de entendimento exigido por uma sociedade pluralista, na qual podem coexistir com diferentes histórias, valores e pontos de vista.

Passado este processo, ofertamos às crianças telas de tecido para, a partir do conhecimento adquirido, reproduzirem seus talentos, tendo como base a obra “Touros”. Este trabalho exigiu um olhar mais preciso para as crianças, de modo que cada tela foi criada com acompanhamento individual, possibilitando um processo de avaliação mais detalhado, com um olhar sensível do educador frente ao que estava sendo reproduzido e também ao que não estava sendo demonstrado pela criança diante de suas habilidades já adquiridas ou não.

Com todas as telas prontas e muito orgulhosos de suas produções sentíamos que a turma e as famílias que acompanhavam diariamente o processo mereciam um reconhecimento que marcasse aquele trabalho coletivo. E mais uma vez solicitamos a todos os envolvidos que pensassem formas de como tornar público as produções para que outras pessoas pudessem ter acesso, assim como, nós tivemos com relação às obras do Paulo Gobbo.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Um vernissage... isso... foi o denominador comum que o processo nos levou. Mas este grande dia para nossos **Pequenos Grandes Artistas** precisava de uma organização: Quando seria? Onde? O que teríamos para mostrar? E quem viria?

Este último item (quem viria) foi fundamental para o sucesso de nosso vernissage, ao fazer a lista dos convidados, juntamente com as crianças, alguém sugeriu: Vamos convidar o Paulo Gobbo? (afinal durante a pesquisa com as famílias, as crianças conheceram sua biografia, inclusive que ele mora próximo a nós). Então nós educadoras combinamos com as crianças que entraríamos em contato com ele e falaríamos sobre nosso trabalho, estendendo o convite, mas não podíamos afirmar que ele viria.

Mas mais uma vez o inesperado acontece. Carinhosamente o Paulo não só atendeu ao nosso convite como sugeriu em levar para o nosso **Grande Dia**, algumas de suas telas, bem como conversar com as crianças sobre sua vida como artista plástico e contar como foi a criação da lindíssima obra “Touros”.

Tudo organizado para o evento, a escola toda envolvida, famílias participando ativamente com entusiasmo e carinhosamente enviaram um delicioso coquetel (porque todo vernissage de sucesso tem que ter coquetel, né profe...) e nosso querido convidado chegou, encantando a todos com sua simplicidade e carisma, logo cativou as crianças, distribuindo abraços e ofertando um colinho estabeleceu vínculos de amizade, que favoreceu uma roda de conversa prazerosa, em que o assunto fluiu com a leveza da infância.

E, assim como, a nós educadoras causou curiosidade a escolha da obra pelas crianças, ao artista também, que logo quis saber quais foram os critérios da escolha diante de tantas outras ofertadas.

Alves (2004) traz uma importante comparação entre a forma como crianças e adultos utilizam seus olhos.

A diferença se encontra no lugar onde os olhos são guardados. Se os olhos estão na caixa de ferramentas que usamos na função prática. O ver se subordina ao fazer. Isso é necessário, mas é muito pobre. Mas, quando os olhos estão na caixa de brinquedos, eles se transformam em órgãos de prazer: brincam com que veem, olham pelo prazer de olhar. [...] Os olhos que moram na caixa de ferramentas são os olhos dos adultos. Os olhos que moram na caixa de brinquedos, das crianças. Para poder ter olhos brincalhões é preciso ter as crianças por nossas mestras.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Neste ciclo de carinho, amizade e respeito podíamos dizer que o Paulo passou a ser amigo e, assim como, as crianças relataram seus olhares diante da obra “Touros”, o Paulo contou a elas quem era a pessoa ilustrada na tela, que se tratava de seu pai, que naquele presente dia tinha 92 anos de idade e morava no interior de nosso município, alimentando um carinho pelos animais; disse ainda que esta obra fazia parte de uma coleção denominada “Roda de Chimarrão”, a qual teria participado de diversas exposições, sendo que algumas delas estavam ali presentes no nosso vernissage. Para selar nossa amizade e gratidão ao nosso mais novo amigo, o presenteamos com uma produção que foi baseada no seu trabalho. Emocionadamente ele recebeu nossa homenagem e com certeza contribuiu para consolidar tudo aquilo que trilhamos junto às crianças e às famílias.

Neste mesmo ano, recebemos o convite para exposição de nossas telas na Feira do Livro de Ijuí, que oportunizou divulgar um pouco do que é feito em nossa escola e, claro, não faltaram elogios da comunidade, que além de apreciar o trabalho dos **“Pequenos Grandes Artistas”**, também puderam conhecer um pouco mais da nossa arte local através do trabalho do nosso querido Paulo Gobbo.

Considerações finais

A dinâmica do trabalho com projetos é muito bem traduzida por Vasconcelos (1997), que ao projetar-se em Vygotsky, afirma que coloca a criança na “zona de desenvolvimento proximal”, convidando-a a trabalhar acima e diante das suas possibilidades, capaz de posturas de cidadania, criando aquilo que Vygotsky chama de “comunidade de investigação”, tornando o aluno um agente ativo de sua transformação da sociedade, aprende com e através dos outros, em uma perspectiva interdependente e solidária.

Concluimos com estas palavras, que de fato este projeto atingiu seus objetivos, culminando em momentos de interação, descobertas, pesquisa, informações e trocas, nos cabendo o papel não apenas de educadoras, mas de interlocutoras da pesquisa, do debate e da ação. Isso pautadas no planejamento prévio, leitura e escuta sensível do interesse que brotou nas crianças, não deixando de lado a comunidade escolar, através das famílias, dos colegas de outras turmas e demais pessoas que puderam fazer uma leitura do trabalho na escola de educação infantil.

Nos remetendo a Dewey (1959) que afirmava que “projetar e realizar é viver em liberdade”, ele levantava como principais princípios para elaboração do projeto: interação;



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

situação-problema; ação; real experiência anterior; investigação científica; interação; prova final; e eficácia social. Por isso, acreditamos que o projeto durou enquanto houve interesse e envolvimento das partes, conseguiu consolidar a pesquisa e porque não despertar um desejo vocacional de **Futuros Grandes Artistas**.

Referências

ALVES, R. A complicada arte de ver. **Folha de São Paulo**, 26 out. 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

DEWEY, J. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1959.

PARSONS, M. J. Compreender a arte: um ato de cognição verbal e visual. In: SEMINÁRIO COMPREENSÃO E O PRAZER DA ARTE, 1999, Vila Mariana (SP). **Anais [...]**. Vila Mariana, 1999.

VASCONCELOS, T. **Ao redor da mesa grande**: a prática educativa de Ana. Porto (Portugal): Porto Editora, 1997.

Palavras-chave: Arte. Criança. Descoberta. Pesquisa.